

### **Mário de Andrade e o Modernismo**

Prof. Dr. Walter de Souza Lopes UFRJ

Mário de Andrade nasceu em 9 de outubro de 1839, filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luisa Leite Moraes Andrade, na Rua Aurora, 320, em São Paulo. Foi professor, folclorista, músico, romancista e poeta.

Em 1922, junto com nomes como os de Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros, tem participação decisiva na eclosão do movimento literário-artístico que romperia com o passadismo de nossa literatura: o Modernismo. Aliás, poder-se-ia dizer que é o representante fundamental do movimento.

Durante a famosa Semana, lê trechos de seu livro de ensaios *A escrava que não é Isaura*, e é recebido com vaias; também desse ano, é o “Prefácio interessantíssimo”, que sai publicado no *Paulicéia desvairada*. Em tal prefácio estão lançadas as bases estéticas do Modernismo.

Uma das características do Modernismo era a recuperação do passado do país. Ou seja, se era demolidor em relação aos francesismos e outros estrangeirismos em nossa cultura, o Modernismo dos jovens paulistas buscava nos primórdios da jovem nação os alicerces para os novos e vibrantes tempos que estavam por vir. E uma das principais vertentes dessa busca estava exatamente em Minas Gerais, em sua arquitetura e suas igrejas barrocas [vide exemplos como os vistos na atual exposição vista agora no Rio de Janeiro, no Centro Cultural Banco do Brasil, sobre o Aleijadinho e sua barroca época].

Em Minas Gerais, tem como cicerone o jovem Carlos Drummond de Andrade, um dos principais nomes do Modernismo Mineiro.

Em suas andanças pelo país, chegou ao norte, onde tirou fotos e gravou músicas típicas da região.

Após o que, em voltando à sua São Paulo natal, em 1934, foi trabalhar na Prefeitura de São Paulo, como chefe do Departamento de Cultura. Quatro anos depois, porém, por motivos políticos, afasta-se do cargo, e fica sem emprego.

Através de amigos, vem para o Rio de Janeiro, então capital da República. E é onde trabalham seus grandes amigos Drummond e Bandeira. Mas ao contrário de capixabas e mineiros que se sentem em casa em cenários cariocas, o autor de *Macunaíma* não se sentia bem no Rio, posto que se considerava em pleno exílio.

Sendo assim, mesmo apreciando dar suas aulas na Universidade do Distrito Federal, não sossegou, enquanto não voltou para sua São Paulo originária, onde, antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em 25 de fevereiro de 1945, não tardaria a falecer.

Sua obra é extensa, podendo se destacar suas descobertas musicais, seus contos, sua novela *Macunaíma*, suas cartas, várias, para diversos amigos, como Fernando Sabino, Pedro Nava, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Em termos de poemas, além do famoso e importante “Meditação sobre o Tietê”, podemos destacar o belo “Paisagem número 4”.

Pertencendo ao livro *Paulicéia desvairada*, esse poema fala de progresso (as ruas se desenrolando), de dinheiro (das sacas de café), da influência inglesa na economia (o grito inglês da São Paulo Railway), da quebra da economia (a baixa do café). Sempre paulista, querendo ser universal, mas sendo regional, para ser universal.

A multiplicidade das formas rurais, focalizadas no plano objetivo, encontrou em Mário de Andrade um cantor bissexto (já que seu habitat natural era o meio citadino), que via lá longe mais um traço da alma forte do brasileiro (a vitória de todos os sozinhos), enquanto no meio urbano, “muito ao longe”, o Brasil ficava “com seus braços cruzados”. A repetição da primeira estrofe, explica a essência do que está sendo mostrado: os caminhões levando o café, riqueza

maior de uma época, para o seu destino. Levando dentro de cada caminhão um pouco do orgulho de ser “paulistanamente”.

Pequenos detalhes que dizem muito sobre Mário dizer mil coisas com uma palavra: o café-cereja (cereja da mesma cor que a terra roxa), o orgulho de ser paulista (com três pontos de exclamação).

Mário mostra-nos o passado não como motivo de imitação, mas o passado tornado como exemplo. Quando assim exigido. “As quebras, as ameaças, as audácias superfinas!... Lutar! Hostilizar!... As bandeiras e os clarins dos armazéns abarrotados...”. Já se viam os primeiros albores da grande crise de 1930. Já se viam os novos silvícolas se preparando para proteger o que lhes era seu por natureza: “Ponhamos os colares de presas inimigas! Enguirlandomo-nos de café-cereja! O mundo aguarda nosso escárnio! Toquem as trombetas: Taratá!”

A visão de um Brasil que não se conhece, que não se integra: “Oh! As indiferenças maternais!” O resto do país se preocupando apenas superficialmente com as mazelas do gigante de terra roxa. Ao contrário, Mário, cujas raízes na terra natal eram sempre cerebradas, entendia que sua terra era uma exceção no Brasil, e que por isso “a coroação tinha de ser com os próprios dedos! Abaixo as indecisões do Presidente da República!”.

Os fazendeiros que estavam longe, voltam. Mas, não para casa. Eles não voltam, fogem para casa. Por necessidades mais fortes que seus próprios desejos, são obrigados a voltar para suas propriedades, a fim de ainda poderem salvar algo da bancarrota total.

De dentro do trem, onde está, Mário encontra formas novas de dizer coisas velhas: “largo côro de ouro das sacas de café!”, demonstrando o alto valor do café. “As ventaneiras dos braços cruzados!...”, a inconsistência do apoio dos indolentes.

O que para outros foi busca inquietante, é posse para Mário. Não se busquem nele as indagações inquietantes daqueles para quem o eu, o mundo e Deus se tornaram problema. Deus, o mundo e o eu são para o nosso poeta problemas resolvidos, de forma que pode entregar-se à atividade poética com a tranquilidade e a serenidade do artesão consumado. – Quando fala de alguém, ou é objetivo ou é “nós” (Ponhamos os colares...); não fala de Deus, menciona

apenas um Cincinato Braga!... (político paulista de prestígio, presidente do Banco do Brasil em 1924). O mundo está em sua cabeça, desde que vá em linha paralela ao seu assunto (Paisagem de São Paulo): “o grito inglês da São Paulo Railway... e o pean de escárnio para o mundo!” Mário não nega, não busca, – afirma. E dá testemunho do que definitivamente possui, “este orgulho máximo de ser paulistanamente!!!”.

Exclamações, reticências, interjeições, os verbos sempre de ação... ainda que inexistentes, em forma. Um mundo em polvorosa que Mário procura registrar com o máximo de fidelidade, procurando mostrar toda a complexidade e a velocidade da vida moderna. Seja na cidade, seja no campo.

Um amor desmedido ao seu Estado e uma certa censura ao resto do país. Ao cantar o Brasil, procurou fugir do regional, não cantando sua terra natal. Mas o subconsciente o traía a cada momento ao lembrar a cada verso seu amor paulistano: “Muito ao longe o Brasil com seus braços cruzados... A vitória de todos os sozinhos!...”

Não é difícil sentir a poesia de Mário. Também não é difícil pensá-la. Sua expressão simples é facilmente inteligível para qualquer mente que queira se abrir para entendê-lo. Assim sendo, vemos: um homem observando, de dentro do seu maria-fumaça, o café saindo das fazendas para o porto, daí vem a lembrança da queda do preço do café, a crise, as falências, a certeza de que o valor pessoal dos paulistas os salvarão novamente de uma queda vergonhosa, o grito de guerra contra tudo e contra todos que se interponham no caminho da grande recuperação. – Sendo assim, porque tão densamente lírico, o poema de Mário vive integral e conscientemente na sua própria condição, seu próprio problema, seu próprio ponto de vista, criando assim seu pequeno universo.

Em Mário, sempre dois mundos se interligando, mutuamente. O objetivo, que é o que está sendo visto, e o mundo subjetivo, que envolve as emoções e as opiniões advindas do recém avistado.

O café, que daria no futuro um épico, aqui para Mário é o símbolo de um momento econômico em crise, dos especuladores sem nenhuma raiz na terra (as audácias superfinas!...).

O ser inculto, instintivo, primitivo, vendendo as mazelas causadas e inventadas pelos cultos e refinados: “As presas inimigas e o escárnio para o mundo! (Victória!).

Na parte formalidade, o que encontramos em Mário: a palavra solta, em liberdade, aparentemente caótica, verdadeiramente ordenadora de sentido “A baixa do café!... as audácias superfinas!... Cincinato Braga!...!” O simultaneísmo (superposição de idéias e imagens), que vem a ser o já dito em parágrafo anterior, em relação a uma cena vista, e em relação a idéias surgidas após a visão de tal cena. A Reiteração, intensificando no cosmos poético certos significados essenciais da matéria cantada. No caso presente, a estrofe da visão primeira, o *leit-motiv* de todo o poema: “Os caminhões rodando... E o largo côro de ouro das sacas de café!...”.

A linguagem e a visão-de-mundo estão em todos os vértices do poema, lado a lado, juntos. As novas relações homem-mundo ultrapassam todas as outras idéias passadistas, os versos pretensamente filosóficos. Mário diz o que vê, o que acha, sem monotonia, carregado de certezas, lutando contra os conservadores, que não deixam (pela sua própria vontade) o caminho que já não é deles (as ventaneiras da desilusao). Que pertence aos que viram os novos caminhos.

A substantivação que vemos aí nada mais é do que um sinal de esgotamento intelectual, do pensamento dirigido às coisas isoladas de suas relações com o todo a que pertencem; o pensamento é reduzido à percepção de surpresa, opinião, discernimento. “A vitória, as bandeiras, os clarins, os braços cruzados, os próprios dedos”. O adjetivo também caracteriza as novas faces dos seres: “rápidas as ruas, o largo côro do ouro, as indiferenças maternais”. São adjetivos caracterizadores, essenciais, não apenas adjetivos supérfluos. Os substantivos e todas as outras classes de palavras sucedem-se em altas quantidades; ao contrário, os verbos e advérbios só surgem em mínimas doses homeopáticas, e quando surgem é com idéia parada, já que o substantivo lembra a força do verbo: “rodando, hostilizar, ser”.

As frases nominais se sucedem, demonstrando assim a descoberta fundamental de Mário para expressar suas fortes idéias, juntamente com suas fortes tensões poéticas: “rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos... As

quebras, as ameaças, as audácias superfinas!... Muito ao longe o Brasil com seus braços cruzados...”.

Não esqueçamos da pontuação (em alguns casos de Mário, em falta). Aqui, a pontuação em demasia. Para não dar idéia a ambiguidades ou a ilogicidade do pensamento. – E também do coloquialismo da linguagem: “Ponhamos os colares! Enguirlandemo-nos de café-cereja! Taratá! Para acabar de vez com a literatice anterior, dos velhos tempos da poética tradicional. A nossa realidade sendo descoberta, após o período dos parnasianos e simbolistas.

E assim são os poemas de Mário de Andrade. Sempre permeados de várias significações, sempre estudáveis em suas linguagens, em sua ligação com a História, com a sociologia, com o memorialismo.